

TERRITÓRIO E VIOLÊNCIA NO SUDÃO DO SUL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA QUESTÃO FRONTEIRIÇA

Palavras-chave: Sudão do Sul, Fronteiras, Violência

Autores:

Estevão Candido Estabelin - IG - UNICAMP

Prof. Dr. Kauê Lopes dos Santos (Orientador) - IG - UNICAMP

INTRODUÇÃO

A delimitação artificial de fronteiras perpetrada pelos colonizadores europeus em suas colônias africanas fomentou uma série de tensões sociais e entraves políticos para estabilidade institucional dos Estados africanos na medida em que esses conquistaram as suas independências. Boahen explica que “[...] não haja porém dúvidas de que muitos desses Estados foram criações artificiais e de que essa artificialidade colocou alguns problemas para pesarem fortemente sobre o desenvolvimento futuro do continente.” (Boahen, 2010, p. 924). No caso sudanês, sociedades de culturas religiosas diversas (majoritariamente cristãs ou adeptas de religiões tradicionais africanas), ao sul do território (Figura 1), conviveram de forma tensionada com o norte, de população majoritariamente islamizada. Essa tensão se converteu em uma forte instabilidade política interna após a independência do jugo colonial britânico em 1956. Após longos e violentos conflitos armados, as populações do sul do território obtiveram a independência reconhecida, tornando-se o Sudão do Sul em 2011.



Figura 1 - Mapa de localização do Sudão do Sul

Fonte: Voice of America (2012)

Contudo, a emancipação do Sudão do Sul não encerrou os conflitos armados. O jovem país, fragilizado por instituições incipientes e por práticas de corrupção, viu seu cenário político imerso em animosidades entre líderes do movimento independentista, representativos de distintos grupos étnicos. Em 2013, a disputa pelo poder entre o presidente Salva Kiir, da sociedade Dinka, e o vice-presidente Riek Machar, da sociedade Nuer, precipitou uma guerra civil, resultando em uma escalada de violência e uma crise humanitária marcada por migrações forçadas e insegurança alimentar.

A carência por símbolos nacionais e discursos unificadores fomentou a exacerbação das diferenças entre as sociedades sul sudanesas, dificultando a construção de uma identidade nacional coesa. Em dezembro de 2013, a guerra civil eclodiu com acusações de golpe de Estado por Kiir contra Machar. O conflito, protagonizado pelo EPLS (Exército Popular de Libertação do Sudão) e o MPLS-O (Movimento Popular de Libertação do Sudão na Oposição), perpetuou massacres e crimes de guerra, agravando o quadro de instabilidade no país. A guerra civil foi formalmente encerrada com negociações de paz intermediadas por Cartum, capital sudanesa. No entanto, o acordo de paz de 2018 não cessou as hostilidades, e o desarmamento subsequente enfrentou resistência devido à desconfiança no governo liderado por Dinka.

O Sudão do Sul apresenta uma complexa fragmentação territorial que tem implicações significativas nas tensões políticas do país. A distribuição diversificada de sociedades, historicamente organizados como pastores, como os Dinka e os Nuer, desempenhou um papel central nos conflitos pós-independência. Embora esses grupos tenham lutado juntos contra o governo sudanês pela independência, logo se enfrentaram pelo controle do novo Estado. Os Nuer acusam o governo de Salva Kiir de favorecer os Dinka, exacerbando a opressão política e econômica sobre outras sociedades do território (Johnson, 2016).

As tensões entre essas sociedades são alimentadas pela monopolização do poder e recursos pelos Dinka, evidenciada pela alocação privilegiada de cargos e benefícios econômicos. A falta de representatividade e a corrupção exacerbam os desafios para a consolidação de um Estado politicamente estável. Líderes rebeldes, como Salva Kiir e Riek Machar, carecem de experiência na administração pública, o que agrava ainda mais a instabilidade política. A corrupção, especialmente nos setores relacionados à produção de petróleo, mina os esforços para o desenvolvimento econômico e social. Além disso, a imposição colonial de fronteiras arbitrárias pelos britânicos contribuiu para a fragmentação e a falta de coesão nacional, exacerbando as rivalidades históricas entre sociedades e dificultando a formação de uma identidade nacional coesa (Johnson, 2016).

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa compreendeu duas etapas principais. A primeira etapa foi dedicada à sistematização de dados secundários para embasar a investigação. Realizou-se uma revisão bibliográfica utilizando fontes como o banco de teses da CAPES, SciELO e Google Scholar, com o objetivo de fornecer uma base teórica sólida, abordando conceitos como formação socioespacial (Santos, 1977), território e territorialidade (Raffestin, 1993) e delimitação artificial de fronteiras (Uzoigwe, 1973; Boahen, 2010). Autores norteadores incluem Milton Santos, Albert Boahen, Godfrey N. Uzoigwe e Claude Raffestin.

A segunda etapa envolveu a busca por dados em sites governamentais e observatórios, como a CIA e o OEC-MIT, além de informações de organizações não governamentais, para complementar a pesquisa. A análise desses dados possibilitou um entendimento mais profundo dos efeitos da delimitação artificial de fronteiras na fragmentação territorial e no cenário político do Sudão do Sul. A metodologia descrita embasou a discussão sobre a relação entre território e violência no Sudão do Sul, instrumentalizando conceitos e fenômenos relacionados à colonização africana, proporcionando uma investigação sólida e fundamentada da conjuntura observada no caso sul-sudanês.

Foram coletadas e sistematizadas obras que abordam a história recente do Sudão do Sul, além de artigos científicos e, adicionalmente, foram selecionadas obras sobre o contexto histórico mais amplo da África, visando compreender as raízes culturais das sociedades sudanesas e sul-sudanesas, e os aspectos que intensificam a tensão entre essas sociedades, impostas pelo colonialismo a cooperarem numa estrutura política de Estado nacional (Boahen, 2010).

RESULTADOS

Foram assinalados diversos fatores dos processos vinculados à formação socioespacial sul-sudanesa (Santos, 1977) que dificultaram a consolidação do Poder do Estado sobre o território no Sudão do Sul (Raffestin, 1993) e permitiram um acirramento do cenário de violência do país. Dentre eles, se destacam: o armamento generalizado das sociedades ali presentes; a falta de uma infraestrutura

com redes físicas de transportes que possibilitassem a intervenção do Estado sobre o território de uma maneira mais direta e ágil; assim como a comunicação com regiões mais remotas do país e os esforços do Sudão em desestabilizar o país armando as sociedades de áreas mais remotas e ainda não inseridas no universo urbano incipiente daquele território, como a sociedade dos Mundari, por exemplo (Sudan Tribune, 2009).

Além dessas razões acima, vale mencionar que os integrantes dos movimentos mais influentes da luta independentista contra o Sudão, principalmente os vinculados ao conflito da Segunda Guerra Civil Sudanesa, não eram estadistas, mas sim combatentes. Ou seja, a transição das fileiras de combate e postos de comando na guerra para escritórios e cargos de governo se deu de maneira danosa para a manutenção da democracia e das instituições de Estado sul-sudanesas (Johnson, 2016).

O país herdou um capitalismo incipiente imposto pela metrópole e pouquíssimo desenvolvido da colonização do Sudão Anglo-Egípcio. A região ao sul da área de dominação colonial britânica se viu carente de investimentos, concentrados no Norte, o que permitiu que, após a independência sudanesa em 1956, o Norte de maioria árabe se sobrepusesse ao Sul em termos econômicos e, portanto, políticos, acirrando as tensões identitárias e um sentimento de revanchismo contra o maior desenvolvimento do Norte e sua colocação como região hegemônica no país que surgiu nos anos 1950. Cenário que foi ainda mais inflamado pela imposição de leis de orientação islâmica a povos cristãos ou de religiões africanas locais no Sul, com juízes do Norte sendo postados no Sul. Assim como crimes de guerra de natureza étnico-racial cometidos durante os conflitos pela emancipação sul-sudanesa (Johnson, 2016).

Desse modo, essa relação conflituosa que se desenvolveu, com duas guerras civis sendo travadas entre o Norte e o Sul, pavimentou um armamento difundido de juventudes vinculadas às populações locais, que eram necessárias para o combate contra o Norte. Por sua vez, Cartum (capital sudanesa) explorou as rivalidades históricas entre sociedades ao sul (como entre os Nuer e os Murle), agora agrupadas no mesmo arranjo territorial-estatal pela delimitação artificial das fronteiras por parte do invasor europeu, para debilitar os grupos independentistas.

Além desse armamento generalizado pelos conflitos e pela intervenção do Sudão na região sul, as atrocidades cometidas (violência sexual e massacres contra a população civil) alavancaram a percepção das táticas de guerra de sociedades (Johnson, 2016). Táticas que, outrora, não se propunham a extermínios e estupros como estratégia militar (Hutchinson, 2015).

O que se percebeu foi uma ascensão da escala da violência que era presente em períodos anteriores à colonização britânica do Sudão do Sul que, antes dividido em várias sociedades pastorais que não se organizavam em um Estado, se relacionado, em alguns casos, conflituosamente, mas jamais atentando contra as outras de forma a, sistematicamente, eliminar civis indefesos como mulheres, crianças e idosos (Hutchinson, 2015), passaram a fazê-lo com o advento a partir das guerras civis contra a dominação do Sudão e após a independência do Sudão do Sul, na guerra civil sul-sudanesa (Johnson, 2016).

Ressaltando o efeito devastador de uma imposição fronteiriça que não observou as peculiaridades culturais, linguísticas e sociais do local para a sua efetivação, sendo movida pelo ímpeto de colonizar e usar economicamente aquele espaço, sem jamais investigar as necessidades de autodeterminação de sociedades que ali viviam (Boahen, 2010).

Apesar do armamento das sociedades sul-sudanesas e delas englobarem os crimes de guerra como tática de dominação sobre povos inimigos em conflitos se apresentarem como fatores preponderantes para o quadro de violência étnica difundida e intimamente relacionada à disputa territorial entre esses grupos, a incapacidade do Estado em intervir, desarmando tais grupos, oferecendo formas de solucionar tais conflitos pelo controle territorial nas regiões em disputa e aprofundar o seu próprio domínio sobre o território nacional, também é responsável pela conturbada situação do Sudão do Sul.

Quando o EPLS conquistou a vitória contra o Sudão e o Sul se tornou uma região autônoma (2005) e, posteriormente, independente (2011), os quadros do movimento, dedicados ao militarismo e não à política, acabaram assumindo os cargos políticos mais influentes, como a presidência, vice-presidência e ministérios. Deflagrando a incapacidade dos mesmos de se colocarem num cenário de disputa democrática (ao invés da disciplina e comando militar), observando o Estado como um espaço

de disputa, e os rivais políticos como inimigos a serem eliminados. Salva Kiir, um dos principais comandantes do EPLS, ao assumir a presidência, jamais deixou o cargo e iniciou uma guerra com o vice-presidente - Riek Machar - ao se sentir ameaçado pela sua candidatura ao poder (Johnson, 2016).

Essas lideranças também passaram a explorar as rivalidades sociais internas, como meio de alcançar seus objetivos políticos, perpetuando o método do Sudão das guerras civis anteriores de armar sociedades rivais para enfraquecer o poder do grupo rival e valer-se da violência étnica e crimes de guerra na Guerra Civil Sul-Sudanesa (2013-2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexa trajetória do Sudão do Sul desde sua independência tem sido marcada por profundas fraturas sociais, acirradas disputas políticas e uma crônica instabilidade que resultou em violência disseminada e crises humanitárias devastadoras. A imposição arbitrária de fronteiras pelos colonizadores europeus, desconsiderando as realidades culturais e sociais das comunidades locais, gerou um legado de tensões persistentes que minaram os esforços para estabelecer um Estado coeso e funcional.

As guerras civis, tanto contra o Sudão quanto internamente depois da separação, acentuaram essas animosidades, transformando diferenças sociais em fronteiras mortais e alimentando um ciclo de violência que perdura até os dias atuais. A ascensão de líderes militares inexperientes em questões políticas e a exploração contínua de rivalidades sociais como ferramentas de dominação política apenas intensificaram a instabilidade. Portanto, o caso do Sudão do Sul ilustra vividamente os devastadores impactos da colonização e da imposição de fronteiras artificiais, sublinhando a urgência de abordagens inclusivas e sensíveis às realidades locais na edificação e administração de Estados pós-coloniais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"ANYONE WHO CAN CARRY A GUN CAN GO": THE ROLE OF THE WHITE ARMY IN THE CURRENT CONFLICT IN SOUTH SUDAN. Oslo: Prio, 2014. Disponível em: <https://www.prio.org/publications/7417>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BOAHEN, Albert Adu (Ed). **História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. 1040 p. (História geral da África, v.7) ISBN: 9788576521297.

BOSWELL, Alan. **Insecure power and violence: The rise and fall of Paul Malong and the Mathiang Anyoor**. Small Arms Survey, 2019.

Disponível em: <https://www.smallarmssurvey.org/resource/insecure-power-and-violence-rise-and-fall-paul-malong-and-mathiang-anyoor>. Acesso em: 10 set. de 2023.

Cattle Raiding In Jonglei, South Sudan. Disponível em: <https://mandalaprojects.com/ice/ice-cases/jonglei.htm>. Acesso em: 17 dez. 2021.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook**, 9 abr. 2024. Disponível em: <South Sudan - The World Factbook (cia.gov)>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Conflict between Dinka and Nuer in South Sudan | Climate-Diplomacy. Disponível em: <https://climate-diplomacy.org/case-studies/conflict-between-dinka-and-nuer-south-sudan>.

Conflito no Sudão do Sul não tem motivação étnica, mas política – DW – 23/04/2014. Disponível em:

<<https://www.dw.com/pt-br/conflito-no-sud%C3%A3o-do-sul-n%C3%A3o-tem-motiva%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9tnica-mas-pol%C3%ADtica/a-17584461#:~:text=O%20%C3%ADder%20rebelde%20Mashar%20apresenta>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

DELANEY, Matthew J. John Garang and Sudanism: A Peculiar and Resilient Nationalist Ideology. **Forum: The Journal of Planning Practice and Education**, v. 3, n. 1, 1 jan. 2011.

Disponível em: <https://digitalcommons.calpoly.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1006&context=histsp>. Acesso em: 12 out. de 2023.

DE SIMONE, Sara. Post-conflict Decentralization: Dynamics of Land and Power in Unity State – South Sudan. **UNISCI Discussion Papers**, v. 0, n. 33, 7 abr. 2014.

GARANG, John. **The Call for Democracy in Sudan**. [S.l.] Routledge, 1992. Disponível em: <https://www.africabib.org/rec.php?RID=066253276>. Acesso em: 12 out. de 2023.

GARANG, Kuir Ě. **Political Ideology and Organisational Espousal: A Political-Historical Analysis of Dr. John Garang De Mabior’s “New Sudan Vision”**. *Modern Africa: Politics, History and Society*, v. 7, n. 2, p. 89, 15 dez. 2019. Disponível em: <https://uni.uhk.cz/africa/index.php/ModAfr/article/view/258>. Acesso em: 12 out. de 2023.

GORE, Paul Wani. The overlooked role of elites in African grassroots conflicts: A case study of the Dinka-Mundari-Bari conflict in Southern Sudan. **CMI Sudan Working Paper**, 2014. Disponível em: <https://open.cmi.no/cmi-xmlui/handle/11250/2475006>. Acesso em: 12 out. de 2023.

GURJÃO, Rafael; PEREIRA, Diego. Formação da República do Sudão do Sul e o conflito pela demarcação de fronteiras. **14º Encontro de Geógrafos da América Latina**, Lima, p. 1-10, abr. 2013.

HUTCHINSON, Sharon E.; PENDLE, Naomi R.. Violence, legitimacy, and prophecy: nuer struggles with uncertainty in south sudan. **American Ethnologist**, [S.l.], v. 42, n. 3, p. 415-430, 21 jul. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/amet.12138>. Acesso em: 20 nov. de 2023.

JOHNSON, Hilde F.. **South Sudan: The Untold Story from Independence to Civil War**. [S.l.]: I.B. Tauris, 2016. 400 p.

KIRWAN, L. P. Rome beyond The Southern Egyptian Frontier. **The Geographical Journal**. [S.l.], p. 13-19. mar. 1957. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1790717?seq=1>. Acesso em: 24 nov. 2023.

LESCH, Ann Mosely. **The Sudan-Contested National Identities**. [S.l.]: Indiana University Press, 1999.

NKRUMAH, Kwame. **Neo-Colonialism The Last Stage of Imperialism**. [S.L.]: Panaf, 2009. 310 p.

NYIBONG, Daniel Thabo. **HISTORY OF SOUTHERN SUDAN (HOSS)**. 2010. Disponível em: <https://pachodo.org/latest-news-articles/pachodo-english-articles/1749->. Acesso em: 24 nov. 2023.

PIOK KACHUOL MABIL. **Managing Ethnic Conflicts in South Sudan: A Case Study of Jongeli Stat**. [S.l.] LAP Lambert Academic Publishing, 2015.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REUTERS EDITORIAL. **Study estimates 190,000 people killed in South Sudan’s civil war**. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-southsudan-unrest-toll/study-estimates-190000-people-killed-in-south-sudans-civil-war-idUSKCN1M626R>.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**. Boletim Paulista de Geografia. n.54, jun. 1977.

SERWAT, Ladd. **Fact Sheet: Conflict Surges in Sudan**. 2023. ACLED | Armed Conflict Location & Event Data. Disponível em: <https://acleddata.com/2023/04/28/fact-sheet-conflict-surges-in-sudan/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

South Sudan rebel chief Riek Machar sworn in as vice-president. **BBC News**, 26 abr. 2016.

South Sudan army collects 592 arms in Central Equatoria. 2009. SUDAN TRIBUNE. Disponível em: <https://sudantribune.com/article33306/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

STEARNS, Scott. **US: Sudan Should Accept Plan for Demilitarized Zone with South Sudan**. 2012. Voice of America. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/sudan-south-african-union-border/1492640.html>. Acesso em: 13 jul. 2024.

UZOIGWE, Godfrey N. THE SLAVE TRADE AND AFRICAN SOCIETIES. **Transactions of the Historical Society of Ghana**, v. 14, n. 2, p. 187–212, 1973.

VERJEE, Aly. **South Sudan’s peace process is broken**. Disponível em: <https://thehill.com/opinion/international/400368-south-sudans-peace-process-is-broken/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

WATSON, Dan. **Surface Tension: ‘Communal’ Violence and Elite Ambitions in South Sudan**. 2021. ACLED | Armed Conflict Location & Event Data. Disponível em: <https://acleddata.com/2021/08/19/surface-tension-communal-violence-and-elite-ambitions-in-south-sudan/>. Acesso em: 11 jul. 2024.